

A BARCA DE S. PEDRO,

PERIODICO POLITICO E TALVEZ DA OPPOSICÃO.

Deus meumque jus!

Este Periodico pertence á nova **Sociedade Imperial Pernambucana**, e tem por objecto sustentar os principios lraes professados pelo partido nacional praieiro, cujos principios são: — Monarquia — Integridade do Imperio — Constituição — e Reformas na administração geral e provincial pelos meios que a mesma Constituição offerece.

NUMERO 47.

Segunda-feira 2 de Outubro

4. SERIE.

Colonisação que convem ao Brasil.

Continuação do numero anterior.

Desenganai-vos: todas essas ideas e planos de colonias agricolas por estrangeiros são meras decepções, ou por outra, verdadeiras especulações de velhacos, que, conscios de sua inefficacia, vêm tirar partido do vosso erro. Não vos fallo só dos Gagés e dos Mures, e de outros que taes, mas tambem dos proprios filhos do paiz tão velhacos como os estrangeiros. Colonias agricolas de estrangeiros em um paiz, onde a agricultura está toda entregue a braços escravos? Colonias de estrangeiros para plantar cana, café ou algodão? (1) Não sejais estupidos já que sois ignorantes; perldo-vos a velhacaria com tanto que não avilteis a intelligencia do paiz.

(1) De todas as colonias estrangeiras, fundadas no Brasil á custa de grandes sacrificios, a unica que tem prosperado é a de S. Leopoldo no Rio Grande do Sul; e porque? Vede bem: a unica industria, de que esta provincia se occupa, é a da criação do gado para o charque, e das mulas para as provincias de S. Paulo e de Minas, e é só nisso que se emprega a escravatura. Nenhum ou quase nenhum ramo de agricultura existia, e a criação apenas se reduz a arrebanhar e matar o gado, aproveitar a carne para o charque, o couro e a graxa, sem nenhum outro genero de industria. Os Allemães, porein, se entregaram á agricultura e á criação domestica; mas que genero de cultura? Cerecas e horticultura, e empregão na criação do gado tão somente a industria domestica, fazendo manteiga e queijo para o consumo da provincia, principalmente da capital; isto é, fazem justamente o mesmo, que farião na Allemauha se tivessem os mesmos meios. Por muito tempo estarão separados os colonos dos filhos do paiz; por muito tempo será deficit crear novas colonias, porque todos os recém chegados quererão agrupar-se ao redor deste nucleo, e occupar-se dos mesmos misteres; porein, quando a emigração for excessiva, a colonia decairá, se a mão do governo não der uma direcção as aguas que trasbordão.

N. B. Tinhamos escripto esta nota ha muito tempo, quando agora veio ás nossas mãos o Jornal do Commercio de 15 de Novembro de 1847, e nelle deparamos com um extracto do Relatório do Presidente do Rio Grande do Sul sobre a mesma Colonia de S. Leopoldo, o qual vem confirmar tudo quanto aqui dissemos. Com effeito o augmento desta Colonia, diz o Sr. Galvão, tem sido espantoso no espaço de anno e meio,

A verdade é esta, que por muito tempo a agricultura, que mais avulta no Brasil, pesará tão somente sobre braços escravos, e que por isso se suppõe aviltada na opinião dos homens livres. Cread novos generos de industria, ainda mesmo de agricultura, pofeu separai delles immediatamente toda a ingerencia de braços escravos, se quereis atrahir os estrangeiros. Vede o exemplo dos Estados Unidos: a emigração não afflue para os lugares onde ha escravidão, e os Estados, que ainda a conservão, são os menos industriosos, e menos populosos; nem dali sae um só enxame para nova colonia, em quanto que dos Estados do norte, onde já não ha escravidão, é donde tem saído toda essa emigração, que tem colonisado o Occidente, e penetrado alem das montanhas pedregosas.

Sem embargo muita gente se oppõe no Brasil á introdução da industria fabril; a opinião mais commum é que não seremos nem poderemos ser por muito tempo senão um povo essencialmente agricola, em quanto tivermos terras baldias, principalmente na costa, e pouca população. As fabricas, dizem alguns, são verdadeiros carcerees, onde só a superabundancia da população pode obrigar á uma reclusão quase forçada por falta de outro meio de ganhar a subsistencia. O homem gosta naturalmente de respirar o ar livre, e prefere o trabalho do campo ao estreito circulo de uma fabrica: os paizes novos são necessariamente agricolas ou creadores. Por outra parte ha um tenor bem fundado de que qualquer especie de manufactura traria logo consigo o tremendo cortejo de tarifas protectoras, e por consequencia funestas represalias, e compromettimentos em nossas relações exteriores, quando

pela aquisição de mais de dois mil colonos novamente chegados, muitos dos quaes *preferem trabalhar a jornal em companhia dos seus patricios*, onde achão toda a protecção, e um genero de industria, a que estão affeitos, do que serem proprietarios em lugares distantes, ou fundar novas colonias.

E tal e tão distincta a industria do paiz, que nenhum natural se occupa de agricultura, e por isso, apesar da exportação da Colonia de S. Leopoldo, cuja cifra rasteja por 400 contos, ainda assim, assevera o mesmo Presidente, a agricultura da provincia é escassa, e por isso não admira o alto preço dos generos de primeira necessidade, nem a penuria geral delles. Porein nunca conseguireis que os estrangeiros introduzão por si mesmos novo genero de cultura, nem se occupem daquella, em que se emprega a escravatura.

não é possível competir em qualquer industria nascente com outra europea e acreditada.

A dolorosa experiencia do que nos tem custado a fabrica de estamparia de André Gaillard, a de vidros de S. Roque, e outras; as loterias; os socorros publicos, e a idea de uma protecção exclusiva; tudo isto faz arripiar as carnes, e temer que semelhante genero de industria só sirva para retardar o verdadeiro progresso do paiz, que consiste na educação do nosso povo por meio do trabalho e da honesta occupação. São pelo menos receios, que só a experiencia e os factos podem desvanecer. Entretanto, de que industria nos occuparemos? quer da industria agricola quer da fabril, contanto que seja a que mais convenha á localidade, onde for estabelecida, e á população para quem fór creada, excluindo absolutamente aquellos ramos, em que actualmente se emprega a escravatura.

Se preferirdes, porem, a industria agricola, criai novos generos de cultura. Vede bem que o nosso algodão está arruinado, o nosso assucar e o nosso café ainda se achão na infancia da cultura, senão pela quantidade ao menos pela qualidade. Novos processos reclamão todos os dias os nossos Consules da Europa e dos Estados Unidos, e ainda fazemos assucar pelo methodo, que nos legarão nossos avós os bugios portuguezes; ainda o nosso café, igual em qualidade ao da Martinica e de Porto Rico, não é admitido para consumo em muitos mercados da Europa pela sua pessima preparação.

Agora me perguntarão: quacs devem ser esses novos generos de agricultura, que aconselhai? Imensos, responderei eu, alguns dos quacs já formarão em outro tempo parte da riqueza do paiz, como o anil, a cochoilha e o canhamo; outros estão em sua infancia, e necessitam de constancia e de esforços para attingirem o grau de perfeição, a que podem chegar, como o Chá, o Uruçu do Pará, &c.; e outros que podem medrar no paiz pela introdução de melhores qualidades, como o Cacaú de Caracas, a hamilha do Rio Negro, e até mesmo o algodão de longa seda de See-Island, e hoje tambem do Egypto (2).

(2) Darei uma ideia, ainda que succinta, dos diferentes generos de cultura, que acabo de indicar, porque quero ser bem entendido por todos, que lerem esta memoria.

Anil e cochoilha: Já tivemos em grande escala estes dois generos de cultura, não só no Rio de Janeiro como em Santa Catharina. Vede a este respeito os Relatorios dos dois Vice-Reis do Rio de Janeiro Marquez de Lavradio e Luiz de Vasconcellos e Souza, publicados na Revista trimestral do Instituto historico. O *Cactus*, chamado vulgarmente Palhaotaria ou Figueira do diabo, que produz a Cochoilha, é muito commum em toda a costa desde o Rio Doce até Santa Catharina. Tambem se fabricou muito anil nas provincias do norte; ainda hoje se observão em Pernambuco, principalmente em Beberibe e Goiana, grandes tanques de pedra e cal, attestando a nossa miseria, a nossa incuria e o nosso desmaselo. O governo portuguez, esse governo inepto e avaro, não bem descripto pelo Conselheiro Antonio Rodrigues da Costa no seu parecer, publicado na mesma Revista, á cerca de uma consulta de Conselho ultramarino, aniquilou todas as industrias do Brasil, devorando a substancia dos colonos.

Estabelecida a cultura do anil e da cochoilha fez o governo della um monopolio, de maneira que só o thesouro regio podia comprar esses productos; mas comprava-os a credito, e dos pagamentos fez-se logo uma especie de agiotagem, de sorte que esses titulos

criai, por exemplo, em Serra acima uma colonia para o plantio e preparação do Chá; reuni de 50 a 100 familias brasileiras; colcai o nucleo da vossa colonia em um lugar azado, salubre, fertil, e risonho; delineaí o plano de uma povoação segundo o gosto das cidades modernas, bellas e espaçosas ruas, praças, &c.; dai uma nova forma á nossa maneira de edifi-

cação não erão pagos senão aos agiotas do governo. O agricultor, que tinha necessidade do seu dinheiro, vendia esses titulos por metade do seu valor, e a consequencia foi a fraude nos generos. Da fraude resultou a suspensão do monopolio, mas era tarde porque os generos estavam desacreditados, e o resultado foi que se acabou a industria. Pouco mais ou menos succedeo o mesmo com o canhamo.

A cultura do anil tem sido quase geral na America; Venezuela exportou muito antes da independencia, e o melhor era dos valles de Aragua; mas o de Guatemala foi sempre preferido em todos os mercados da Europa, até mesmo ao anil de Bengala. A cochoilha, porem, foi privativa de Guatemala, com um credito superior á de Veragua. A capitania geral de Guatemala distinguiu-se sempre por estas duas especies de cultura, ou pelo terreno proprio, ou pela preparação destes productos. Para a cochoilha principalmente seria conveniente mandar vir dalli pessoas habilitadas para renovar esta industria entre nós.

Cacaú: No Brasil não se faz idea deste ramo de agricultura, porque apenas se conhece o cacaú silvestre do Pará, que não tem comparação com o que se cultiva em Venezuela. Para conhecer-se a differença basta lembrar que, quando uma *fanega* (um alqueire nosso pouco mais ou menos) de cacaú do Pará ou de Guayaquil se vende na Europa por seis ou sete pesos fortes, custa uma do cacaú de Venezuela nunca menos de trinta pesos, e as vezes até sessenta e mais. Por consequencia desta qualidade é que devia ser a nossa industria; mesmo de Venezuela é preferido o cacaú dos valles del Tui ao de Ocumare. O cacaú requer terreno regadio e sombreado, portanto a sua cultura seria mais conveniente no Pará e no Maranhão, ou tambem nas provincias de Sergipe e das Alagoas á margem dos rios, que desaguão no S. Francisco. He pois de Venezuela donde deveriamos mandar buscar semente e pessoas habilitadas para o seu cultivo.

Bauilha ou Bainilha: Já sobre esta cultura se publicou no Jornal do Commercio de Setembro de 1844 uma excellente memoria, transcripta depois no D. Novo de Pernambuco. Adverta-se que o uso, que se faz destas bagens no chocolate, e a essencia como o primeiro perfume e base de todas as composições de *torador*, tem augmentado o consumo a tal ponto, que ha quase duplicado de preço dentro de poucos annos. A preparação, que se fazia nas antigas missões hespanholas do Rio Negro ou do Cassiquiare, era a melhor e preferivel para o chocolate que se fabricava em Caracas. Se adoptarmos a cultura do Cacaú de Venezuela, a Bauilha deve ser um appendice necessario.

Chá: — Ha trinta annos, que cultivamos o chá; porem só agora é que indubitavelmente temos essa industria, porque enfim já é conhecida, quando não nos mercados da Europa, ao menos pelos Institutos scientificos, que o tem analisado. Se o nosso interesse crescesse a este respeito, se em lugar de só cuidarmos da quantidade, dirigissemos toda a nossa attenção e desvelo para a qualidade, eston firmemente persuadido, que poderiamos rivalisar com a China dentro de poucos annos. Eisali em meu conceito uma das primeiras colonias agricolas, que deveriamos estabelecer, porque debaixo das vistas de um governo

car, isto é, frentes largas, e as casas com os seus jardins como no Cabo da Boa Esperança; e quando esta Colónia tiver uma grande plantação de Clá, quando as primeiras colhetas tiverem boa venda pela sua preparação e qualidade; quando pela distribuição do trabalho gosar de todas as vantagens de uma abundante subsistência; quando em fim puderdes dizer a

sabio poderia elevar-se este genero a um ponto de perfeição, à que será difficil attingir entregue aos cuidados de pequenos agricultores.

Urucú: — Tinta preciosa de que apenas se occupa uma familia no Pará, sem embargo de ser tão commum a arvore que a produz. Dentro de cinco annos pode-se formar um bosque, e é tão productivo, que corresponde quase á cada folha um cacho de semente. Porque não defendimnos nós esta nova cultura por todas as provincias do norte, hoje principalmente que os methodos scientificos para a extração e preparação da tinta são tão vulgares e conhecidos? Note-se mais que, feita a primeira plantação, cessa todo outro amanho, trabalho ou despeza senão com a colheita do fructo e extração da tinta. Em Pernambuco tenho notado, que a arvore do Urucú quase sempre tem fructo, talvez seja porque se não aproveita.

Algodão: — O nosso algodão, principalmente de Pernambuco, era o primeiro nos mercados da Europa no principio deste seculo; depois fomos suplantados pelo da Carolina e Georgia, e agora estamos em 4.º lugar depois do de See-Island, e Egipto. He uma vergonha, mas é dolorosa verdade, porque alem do abandono, da má preparação e plantio, e da fraude, veiu a colera divina acelerar a decadencia desta cultura por meio do *mofa*. O nosso algodão é incontestavelmente o melhor, que se conhece de longa seda, tanto assim que o misturação com outros, cujas fibras são menos tenazes, para facilitar o trabalho da filatura: hoje estamos abaixo do algodão herbaceo do Oriente!! e porque será isto?

O algodão pode excluir muito bem os braços escravos, e é de todas as nossas culturas actuaes, a unica talvez que pode ser abraçada por pessoas livres, principalmente se introduzirmos novas sementes, e novo methodo de cultivo. E porque o não faremos? porque razão ficaremos aquem dos Egipcios e de Mehemet-Aly? Poderemos esperar tanto dos particulares? Para tudo isto alguma provincia, mesmo aquellas que esbanjão o suor do povo em traficancias de toda a especie, em transacções eleitoraes, ou com um exercito de empregados publicos? Se o governo o não fizer, se a cultura não for confiada á illustração de agentes proprios, se o interesse de um grande numero de pessoas não for compromettido no negocio, nunca passaremos do que somos, isto é, abaixo das raças degeneradas dos Coptos, Arabes, Turcos, e Mamelucos.

Ainda poderia fallar do *fumo*, cultura que tambem pode excluir os braços escravos, e propria para uma colónia agricola; principalmente se podessemos introduzir a boa semente de Santiago de Cuba ou de — *Fuella abaxo* — perto da cidade da Havana, ou mesmo do fumo chamado *Guacharo* de Cumaná em Venezuela. Quem souber que uma arroba desse fumo em rama pode vender-se até por 24\$000 da nossa moeda, verá que nada é tão lucrativo, nem de tão facil cultura, uma vez senhores das melhores qualidades e methodos.

Algumas destas colonias deverião começar em Santa Cruz, ou em outra qualquer propriedade do Imperador; é elle quem primeiro devia pur-se á testa deste systema; porque *Regis ad exemplum totus componitur orbis* — é não pareça isto estranho: um rei empresario!! Sim,

Europa: *cis ali uma colonia modelo* — Vercis então grandes capitalistas occuparem-se de fundar por sua conta infinitos estabelecimentos desta especie; companhias estrangeiras affluirão para o paiz, e novas colonias se estabelecerão por si mesmas sem auxilio nem coadjuvação do governo (3).

(Continuar-se-ha.)

Pernambuco, 19 de Setembro.

Os nossos leitores terão visto o brilhante discurso do Sr. Dez. Joaquim Nunes Machado, que publicamos hontem neste Diario. Quantas revelações importantes, quantas verdades contém este discurso do nosso compatriota! e sem embargo uma lethargia mortal como que entorpece todos os ramos da administração, e a maquina social vai-se desconjuntando peça por peça até o seu total aniquilamento. Em-

porque o defuncto rei Guilherme da Hollanda, que foi alias muito bom rei, foi tambem o primeiro especulador e comprehendedor dos Paizes Baixos. E' mister advertir que o Brasil, situado na America meridional, necessita mais de um rei administrador do que de um rei, que só se occupe dos mesquinhos interesses dos partidos. Ao trabalho! deve exclamar o Imperador; ao trabalho! deve responder todo o Brasil.

(3) A todo aquelle que se quizesse occupar de fazer um projecto sobre colonisação nacional, ou perder o seu tempo com semelhante cousa, eu lembraria que consultasse a interessante obra, que tem por titulo — *Les Philippines* — ou historia, geographia, costumes, agricultura, industria e commercio das colonias hespanholas na Oceania por J. Mallat, membro da sociedade geographica de Paris, 2 volumes. Note-se nesta obra (no capitulo sobre o tratamento dos Indios) o que ja dissemos a respeito dos missionarios, e de suas funcções nas novas colonias. São admiraveis as seguintes palavras do proprio Arcebispo de Manilha — « Temos muitas aldeas, em « que fóra raro descobrir-se um só menino ou uma « rapariga, que não soubesse ler e escrever » — Isto é tanto mais para espantar quanto que não haverá em toda a Europa civilisada uma aldeia, da qual se possa asseverar outro tanto. Vede pois, sibaritas da civilisação europea, se é possivel fundar colonias nacionaes, e leval-as a um ponto de industria e de moralidade, que cause inveja ao velho mundo. Trabalhai, Senhores, trabalhai pelo amor de Deos em prol do vosso paiz.

Recommendamos especialmente a leitura e exame do capitulo 26 desta obra, onde vem algumas observações sobre a natureza da propriedade territorial, instrumentos agrarios, condições do trabalho, &c. Enquanto a propriedade territorial parece, que o autor escrevera para o Brasil com pequenas differenças; porem regeitamos todas as idéas acerca do trabalho por meio de rendeiros, ou de fazer dos Indios os antigos servos adscriptos á gleba. O meu objecto é e será fundar *Colonias modelo*, nas quaes se estabeleça como principio invariavel a harmonia do trabalho e do talento, mas com verdadeira independencia municipal; isto é, quero para cada colónia um Foral, porque com a legislação actual nunca seremos outra cousa senão uma horda de bandidas: estupidos e ferozes como os antigos Aymorés. Consultai tambem, se quizerdes, a obra de Mr. Moll, professor do Conservatorio de artes e officios, e membro da sociedade real e central de agricultura, &c, sobre a colonisação e agricultura de Argel — 2 volumes, Paris 1815.

hora a energia e a intelligencia da muito nobre e esforçada deputação Pernambucana fizessem prodigios de patriotismo na camara dos deputados, a força de inercia paralisou em parte os seus esforços, e impedio que se realisassem as mais brilhantes concepções.

Todavia não foi totalmente baldado o generoso deudo dos nossos compatriotas, e alguma cousa conseguimos nesta sessão, que nunca poderamos obter do governo nem das camaras em outros tempos. Os dois projectos do Sr. Nunes Machado, sobre caseiros brasileiros e o commercio a retalho, foram afinal á uma commissão, que os reduzio a um simples projecto com pouca significação, mas emfim não morreu como pretendia a opposição; nem era de esperar mais vantajoso resultado em vista da magnitude da reforma. As idéas não morrem, quando contem um grande pensamento, mas as grandes reformas não se conseguem de chofre, nem é possível destruir de um jacto tantos prejuizos inveterados, nem matar tantos interesses, nem suffocar o brado da resistencia, apoiada em uma classe tão poderosa, como a que hoje possui quasi exclusivamente o commercio do Brasil.

O pensamento não morreu, elle vigorará com o tempo, e a reforma se conseguirá sempre que tenhamos o bom senso de nos conservarmos nas raiz do justo e do honesto. Não pararão porem ali os nossos deputados, e sempre pressurosos, e amigos do seu paiz, conseguirão por uma emenda, assignada por toda a deputação pernambucana, um emprestimo de 500 contos para a nossa provincia, com o fim de salvar a thesouraria das rendas provinciaes dos graves embaraços, a que se veria exposta depois do escandaloso roubo feito nos seus cofres. Ainda outra medida importante foi a emenda do Sr. Nunes Machado, impondo 80 por cento sobre roupa feita, calçado, e obras de marcenaria vindas do estrangeiro, o que equivale quasi á uma prohibição, e por consequencia um grande favor concedido ás artes e á industria do paiz.

Já erão muito significativos estes serviços á provincia de Pernambuco, quando outra idéa foi aventada e logo aproveitada em uma emenda, que tambem foi approvada pela camara, isto é, que os despachantes das alfandegas devião ser brasileiros. Perguntamos nós agora: já houve deputação de Pernambuco, desde que temos camara, que fizesse tanto pela sua provincia, ou que mais serviços prestasse ao Brasil com tanto patriotismo, com tanto dónodo, com tantos sacrificios pessoais? Já houve na camara quadrienal uma deputação, por pequena que fosse, mais intelligente, mais honesta, mais independente, mais cheia de nobre orgulho, e de generoso enthusiasmo? É impossivel conceber como treze homens se possutissem de uma só idéa, nutrissem um só pensamento, e fizessem tantos esforços de intelligencia sem a menor discrepância! e entretanto ahí estão os factos para provar que este phe-

nomeno moral se deu este anno na muito honrada e patriótica deputação de Pernambuco.

E porém os nossos males não consistem sómente na falta dessas medidas administrativas, que o tempo faria afinal com que apparecessem em virtude da marcha gradual do paiz, e de suas urgentes necessidades; temos outros muitos graves achaques, que matão na sua essencia o governo, e o que mais é, todas as instituições do Imperio. Quem lêr com attenção o discurso do Sr. Nunes Machado, com attenção profunda não é a chaga de immoralidade, que lavra por todo o Brasil. Reflectamos um pouco sobre essas revelações do nosso digno compatriota, comparemo-las com o que antes havia dito o Sr. Ferraz sobre o Rio de Janeiro, e a sua propria provincia, vejamos igualmente o que disse o Sr. Moraes Sarmiento sobre o norte, e os senhores Barbosa e França sobre a Bahia; o que já se havia desenvolvido na mesma camara sobre o Rio Grande do Sul, sobre Minas e S. Paulo, e teremos justos motivos para desesperar da sorte do Brasil.

O Sr. Nunes Machado desatou as ataduras, que encobrião essas chagas putridas da nossa provincia, e reclamou a justiça do governo sobre esses prevaricadores, que affrontão a moral publica e as leis do paiz, e é este talvez o mais importante serviço, que elle tenha feito á sua patria; e contudo não passará este sacrificio pessoal de mais um escandalo contra Deus e contra os homens, porque as cousas permanecerão como d'antes. Horrorisamos por certo a impassibilidade de certos homens, quando se trata dos principios vitaes da sociedade, isto é, da moralidade publica. De que servem leis se as vemos menosprezadas e conculcadas pelos proprios executores? Para que nobres e generosos sacrificios de alguns homens honestos e leaes, quando tudo conspira para desacreditar as melhores instituições?

Mata-nos a immoralidade e a corrupção de todas as classes; mata-nos a indifferença em materias de honra e de pundonor; mata-nos a depravação de costumes, e a licença desenfreada de certos homens sem respeito á moralidade dos outros nem vergonha de suas proprias acções; mata-nos finalmente o patronato e o nepotismo, a avareza e o egoismo de quantos se julgão acima das leis e do povo; do que servem as leis sem os costumes? de que servem sacrificios individuaes, quando a reforma essencial devia partir do alto? Embora vozes generosas se alcem no recinto da camara, ellas nada significão para aquelles, a quem a propria consciencia parece surda ou embotada pelo egoismo ou pela ambição.

Sem embargo não são menos para louvar esses vãos do patriotismo, da honra, e do pundonor em todos aquelles que, como o nosso patriota o Sr. Dez. Joaquim Nunes Machado, osão affrontar as iras dos perversos, e desmascaral-os á face do paiz. De grandes reformas necessitamos como a unica taboa da nossa salvação, mas é mister que a iniciativa parta de quem só pôde remediar todos estes males com uma vontade de ferro, e com uma intelligencia de anjo. Deus permita que o Imperador nos ouça.

(Diario Novo.)